

## ENTREVISTA DE PEDRO COSTA

*“(...) adoro cinema e o trabalho de colaboração com outros. É muito interessante poder ouvir e discutir as coisas.”* Bernardo Sasseti, in RIA (Magazine Nº11, Abril de 2008)

Bernardo, como começou o seu trabalho como compositor de bandas sonoras?

BS – O trabalho começou realmente em 1982, quando vi o primeiro grande ciclo de cinema dedicado a Alfred Hitchcock, promovido pela Cinemateca Portuguesa. Foi então que tomei contacto com a música do genial Bernard Herrmann e o interesse pela música em relação com a imagem foi ganhando cada vez mais sentido quando passei a ir muito regularmente ao cinema – com gravador de cassetes em mãos! – e ao mesmo tempo que a aprendizagem da música e do piano se aprofundava. Tenho as melhores recordações desses tempos... Mas a primeira experiência de composição foi em 1998, com o filme mudo “Os Crimes de Diogo Alves”, no âmbito do Festival dos Cem Dias que antecederam a Expo98. Depois veio outro filme mudo de muito maiores proporções orquestrais: “Maria do Mar” – uma obra prima de Leitão de Barros; depois vieram os telefilmes produzidos pela SIC, como motor de arranque para os primeiros trabalhos de cinema contemporâneo: “Quaresma” de José Álvaro Morais (2002), “O Milagre Segundo Salomé” de Mário Barroso e “A Costa dos Murmúrios” de Margarida Cardoso, entre outros.

O que o fascina neste tipo de trabalho?

BS – Colaborar. Ouvir. Respeitar a imagem e o silêncio. Contribuir para o mais importante que é a noção de tempo, de espaço e de interioridade dos personagens principais em cada uma das ficções apresentadas – neste sentido, a música pode ter uma importância determinante. Por outro lado, gosto de pensar que a música é uma ficção, uma forma de contar uma história dentro de uma outra forma de contar a mesma história.

Existem três formas principais de escrever música para cinema: (1) música em consonância com as imagens e que acompanham a acção; (2) música que introduz um ou mais subtextos, isto é, música para além das imagens e daquilo que vemos em determinadas cenas; e (3) música contra a imagem, contra a acção. E dentro destas três formas principais existem muitas variações possíveis. É um processo de concepção muito interessante.

No caso das bandas sonoras que já fez, consegue ver a música como algo independente em si mesmo? (isto é, a música basta-se a si mesma como obra unitária e completa, ou depende sempre, necessária e logicamente, da narrativa cinematográfica?)

BS – Música é sempre música. Para mim, basta uma simples nota – bem tocada, como por exemplo o maravilhoso clarinete do Rui Rosa no filme “Alice”, de Marco Martins – para que a música seja um veículo independente para chegar aos outros. É tão simples quanto isto...

Quais as etapas por que passa um compositor para escrever uma banda sonora como, por exemplo, a do referido filme *Alice*, o qual tem uma carga dramática muito forte?

BS – São três os passos: (1) ver o filme e conversar com o realizador. Fora de Portugal, conversa-se também com o produtor; (2) encontrar o tema principal e escrever a música em bruto e, por último, (3) adaptá-la à narrativa que nos é proposta pelo realizador e, muito importante, pelo ritmo da montagem final. No caso do “Alice”, estive cerca de dois meses até encontrar o tema principal. Todas as outras entradas de música são referentes a esse tema, muitas vezes interpretadas de forma totalmente diferente.

Qual a importância que tem para si a composição de música para cinema?

BS – Tem toda a importância que se possa imaginar. Esta é uma actividade paralela e que complementa a minha carreira de concertista. Isso é inquestionável.

Para terminar, para quando uma nova banda sonora do Bernardo Sasseti?

BS – Até Abril de 2009 tenho três projectos em perspectiva. Por agora, acabei uma grande banda sonora para orquestra – diga-se uma “mega” produção em Portugal, com a participação

de inúmeros solistas. O filme é do Mário barroso e vai-se chamar “Um Amor de Perdição”, numa adaptação para os tempos modernos do extraordinário livro de Camilo Castelo Branco. Estou muito contente com o resultado final e, apesar da falta de condições (o costume!) e das enormes dificuldades por que passei para o fazer, posso-lhe já garantir que vai sair em CD. É a minha primeira grande homenagem à história da música para cinema – assumi-o desde o princípio...